

PRÓLOGO

Do metrô ao prédio cinzento, andou sete quadras. Com aquele calor, era o suficiente para deixá-la com ar de cansada. Procura no celular o número: vinte e um. Enquanto espera autorização para entrar, vasculha a bolsa. Com as mãos, vai apalpando e desenhando mentalmente as formas dos objetos. Minúsculas arestas metálicas, chave. Superfície ovalada e fria, espelho. Lâmina cortante e pontiaguda, seu amuleto. Tubinho de plástico, enfim, o gloss cor-de-rosa. Esconde-o dentro do punho fechado enquanto passa pela guarita. Não gosta de revelar para ninguém os segredos de seus encantos. Quando entra no elevador, vira-se logo para o espelho. Não foi surpresa ver o buço coberto por gotículas finas. Esquecida da câmera de vigilância, usa o indicador para ir pressionando a região ao redor dos lábios e secar a pele sem borrar a maquiagem. Rosqueia a tampa do tubo e aperta até que saia dele a substância colorida e pegajosa. Passa com o dedo o brilho nos lábios. Olha para baixo e percebe que já aparecem as primeiras linhas sobre seu colo. Ainda assim, abre um botão da camisa e sobe um pouco a saia, dobrando para dentro o cós de tecido grosso. Antes que o elevador pare, afasta-se do espelho para se ver melhor. Ajeita no pescoço a corrente de ouro e o pingente em forma de caranguejo, que o avô lhe deu quando fez quinze anos. Dá mais um passo para trás, coloca a mão na cintura. Abre outro botão e simula um sorriso, antes de voltar as costas para seu reflexo e sair para o corredor.

